

## Deleuze e o conceito de corpo

Por Bruno Domingues Machado<sup>1</sup>

O percurso filosófico de Deleuze começa na década de 50. Desde o início, quando ele ainda era apenas um comentador, sua perspectiva diante da filosofia era uma perspectiva criativa. Fazer filosofia é criar. Desde o sentido mais simplório – ninguém concebe um livro de filosofia pronto, um livro de filosofia precisa ser criado, construído – até um mais delineado – o principal objeto criado pela filosofia são os conceitos. A filosofia cria conceitos. Esse ponto de vista, que ele vai abordar e desenvolver quase no final de sua vida, em 1991, o acompanha em todo o seu percurso na filosofia. Para Deleuze, a filosofia cria, e cria conceitos.

O que é ler um texto? Ler um texto não é vergá-lo a si, a seus conhecimentos, a sua visão de mundo. Ler um texto é ir até o texto. Você só esposa um poema quando vai até ele, quando consegue aceitar sair de sua zona de conforto, e se abre, não para desvendar, mas para fazer (ou refazer) o que está escrito, as relações de um poema (relações sonoras, semânticas, formais). Então você pensa, sente e vive o mundo conforme a criação do poema. Nisso a literatura se distingue da filosofia; não porque seja criativa, mas porque a literatura cria sensações, ou, nas palavras de Deleuze, perceptos e afectos, blocos de sensação através dos quais você sente e vive o mundo (mesmo que por breves instantes).

Quando você lê um verso, tudo o que há, no momento em que o lê, é o verso. Você pode estar com a cabeça em outro lugar – mas aí não terá lido o verso. Quando você lê um verso, um conjunto de versos, tudo o que há, naquele momento, são os versos que você lê. Eles fazem o mundo; e fazem você vivê-lo, senti-lo, percebê-lo através do que contém e da maneira como são postos. Porque além de se porem, eles abrem espaço para receber qualquer pensamento, qualquer percepção ou vivência, e ao receber pensamento, percepção

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria Literária pela UFRJ e bolsista CAPES.

ou vivência, eles moldam cada um deles à sua maneira, injetam-lhes a sua maneira de ser. Vamos pensar em algo bastante idiota, um verso que diga: “o amor é lindo”; e vamos supor que você, que viveu um amor, tenha vivido uma frustração insuportável. Diante de tua leitura, esse verso imediatamente abriria espaço para “amor – frustração”. Se o verso te pegar, se se impor, ele imediatamente moldará seu pensamento e sua vivência, e te fará, por breves instantes, enxergar beleza no amor. Mas por que esse verso, “o amor é lindo”, não convence ninguém? Primeiro porque ele não diz nada. Ele no máximo repete aquilo que este ou aquele já sabem ou desconfiam: “o amor é lindo”. E por isso, por não dizer nada, ou ele apenas confirma um pensamento prévio, ou ele é vazio, não fará você enxergar beleza alguma no amor, você ao contrário ficará irritado com esse verso ruim. Daí a importância da forma na poesia: se bem trabalhado, o verso não apenas não serviria de refrão para um pensamento prévio, como também poderia ser capaz de fisgar um pensamento, uma vivência, uma sensação, e, como num passe de mágica, alterá-la. Um verso altera predisposições. Mesmo que por breves instantes.

Ler um texto então é ir até um texto. Há uma distância entre o texto e você. Não houvesse e você e outra pessoa não leriam um texto de maneira diferente; você, outra pessoa e a humanidade gostariam dos mesmos textos, odiariam os mesmos textos, ou, o que é pior, manteriam a mesma indiferença em relação aos textos. Por que há essa distância? Por muitas razões. Mas uma delas é que um texto não inclui tudo. Um texto não pode falar sobre tudo. Você pode incluir muitos temas no seu texto, mas nunca vai falar de todos os temas, por mais que você escreva um livro de 50 mil páginas. Esse “não poder falar sobre tudo” não é contudo uma falha do texto. Seria uma falha se ele pudesse falar sobre tudo e não conseguisse. Um texto, ao contrário, fala sobre tudo o que pôde falar, e esse “tudo” aumenta a cada vez que um texto é lido, usado, reescrito – porque nele se abre uma distância que lhe injeta novos temas, novas perspectivas.

Assim, enquanto uma perspectiva negativa pegaria, por exemplo, este resumo que faço sobre a filosofia de Deleuze, e olharia para tudo aquilo que eu obviamente deixei de falar, curvando meu resumo às falhas e ao que nele falta, enquanto uma perspectiva negativa verga um texto a si, em vez de ir até ele, a perspectiva positiva vai até o texto e enxerga em suas brechas a oportunidade de criar. Um texto abre espaços, abre brechas. Ao ir até o texto, ao vencer essa distância, a perspectiva positiva aproveita para preenchê-lo

com criação. Ela detecta a força de um texto, e então a maximiza, a eleva a potências maiores, mais duradouras, mais abrangentes, ou diferentes. Não que não se possa criticar um texto; é evidente que muitos textos são dignos de críticas arrasadoras. Mas da perspectiva positiva, a crítica é uma escolha. Parece pouco, mas não nos damos conta da posição obsessiva em que nos encontramos, obsessiva por detectar falhas, detectar o que falta (em vez de detectar forças). Essa obsessão muitas vezes substitui a criação.

O resumo é um exemplo muito claro. É um texto breve, que preenche pouco os espaços que abre. Para a perspectiva criativa, um resumo é um prato cheio: “oba, tenho muito a criar”. Mas não apenas o resumo. Imagina com que prazer Deleuze não olhava para um texto muito refinado, muito bem construído, imagina com que prazer ele não se instalava nas brechas e nos intervalos do livro para criar. Dava-lhe mais trabalho, exigia uma criação mais apurada.

Por isso Deleuze se notabiliza na primeira fase de seu percurso filosófico. Demorou 18 anos, porém, até que ele se arriscasse a falar em nome próprio, ou seja, até que ele lançasse um livro “seu”, até que ele criasse seus próprios conceitos. É com *Diferença e Repetição* que Deleuze inicia sua vida autoral na filosofia. Ali começa a história de seus conceitos (antes era a pré-história). A partir daí, ele cria vários conceitos, desterritorialização-territorialização, linha de fuga, devir, singularidade, acontecimento, máquina desejante, corpo sem órgãos, etc. Mas qual a importância de se criar conceitos? O que é um conceito? De maneira resumida, um conceito é algo sem o qual uma existência não teria existência. Sem o conceito de desterritorialização, a desterritorialização não existiria. Sem o conceito “diferença por ela mesma”, esse conceito não teria existido. Daí o viés altamente criativo de um conceito. É preciso que se crie um conceito. Mas, se algo não teria existido sem o conceito que o cria, por outro lado aquilo que um conceito cria existe independente dele. A desterritorialização existe independente do conceito que a cria. Um conceito é como uma descoberta. Suponhamos que exista um continente ainda desconhecido na Terra. Enquanto não o descobrirmos, ele não terá existido (não à toa eu precisei falar “suponhamos”). Só que a descoberta da filosofia é do início ao fim uma descoberta criativa. É preciso criar as bases de um conceito, seu funcionamento, suas características, e, depois de criado tudo isso, aí sim o teremos descoberto no real. Essa criação é guiada por critérios que a garantem, de fato, como criação, e não como repetição

de algo existente. Em um certo sentido as descobertas marítimas também são criações: foi preciso construir embarcações capazes de cruzar os mares, foi preciso criar, forjar uma tripulação capaz de conduzir o barco; foi preciso criar uma rota capaz de se desvencilhar de problemas e chegar ao local indicado (critérios). Ao final de toda essa criação, encontra-se não um produto criado, ficcional, mas uma descoberta. Porque se o continente só terá existido se o descobrirmos, ao mesmo tempo ele sempre existiu, a descoberta não anula o fato de ele ter sempre existido, a despeito de o conhecermos e de o vivermos. Sua existência, por um lado, depende da criação que o leva a sua descoberta; sem a descoberta ele continuaria inexistente. Por outro lado, sua existência sempre esteve ali, como se à espera de ser descoberto. Ela existe de maneira independente. Por isso os conceitos de um filósofo não pertencem a um filósofo, mas à filosofia, ao pensamento – ao real. O filósofo criou e descobriu algo independente dele. Cristóvão Colombo descobriu a América, mas os invasores fizeram o que quiseram com ela, a despeito do que achava Cristóvão Colombo. As criações estão abertas e permitem que as atravessemos, permitem a reconstrução, o desvio, a perversão. Nisso inclusive se apóia o Deleuze comentador: Nietzsche criou tais conceitos, mas eles existem independentes dele, e assim Deleuze os atravessa modificando-os, alterando-os .

Então um conceito é algo, digamos, vivo, e que diz respeito ao real; é uma criação real. A desterritorialização foi criada por Deleuze, mas está no mundo. A linha de fuga foi criada por Deleuze, mas ocorre no mundo, e está o tempo inteiro acontecendo. E Deleuze se notabiliza por criar coisas que estão no mundo e o tempo inteiro acontecendo. Coisas muito pertinentes, que abrem vias antes bloqueadas – o que significa que abre caminhos para a vida, para o real. Se uma frase, quando lida, é tudo o que há no mundo, e faz o mundo conforme seu conteúdo e sua forma, o elemento básico de uma frase é um parente do conceito. Qual é o conceito de amor, qual é o conceito de beleza, qual é o conceito de frustração? No que corriqueiramente enxergamos palavras, frases, um conjunto de frases, um filósofo luta para enxertar conceitos, escreve obras inteiras para criar um punhado de conceitos. Os conceitos estão diretamente ligados à maneira como o mundo é posto em suas formas elementares. Não porque eles sejam a forma elementar do mundo ou da vida, mas porque eles correspondem, criando-os, ao que há de elementar no mundo e na vida. Um conceito dá à palavra que lhe empresta o seu nome um alcance, uma força, e uma

durabilidade muito maior do que as palavras desgastadas que usamos no dia a dia quando falamos ou pensamos.

Mas no geral, seja qual for o idioma, seja qual for a intensidade de seu desgaste, a linguagem tem uma força impressionante. Ela é ativa. Se eu te disser, “feche a janela”, você vai se mover e vai fechar a janela. Assim, um conceito é capaz de provocar mudanças, precipitações, desbloqueios. É preciso apenas uma sintonia segundo a qual sejamos capazes de agir (e/ ou pensar) com um conceito – assim como você sabe agir quando eu te peço para fechar a janela.

Com a filosofia sendo uma prática criativa, vemos que de início ela está muito mais próxima da literatura do que pode parecer. A filosofia cria “x” coisa, a literatura cria “y” coisa, mas antes de “x” e “y” elas se movimentam – indiscernidas, indissociadas – no ato da criação. De uma obra literária pode-se retirar os conceitos filosóficos que ali estão mas ainda não foram criados (descobertos). De uma obra filosófica pode-se retirar as sensações e as percepções que ali estão e não foram criadas (Borges é o ápice dessa transposição). A filosofia e a literatura, aliás, se esposam não apenas na criação, mas na coordenada perceptiva. Criar percepções é o que há de mais próximo entre filosofia e literatura. Porque se a filosofia cria conceitos, ela nos faz perceber coisas que antes não percebíamos – tal como a literatura. Mas a essa percepção a filosofia dá um tratamento, e a literatura dá outro.

Por exemplo, o conceito de corpo pleno, que Deleuze-Guattari criam em *Anti-Édipo*. Há pelo menos três usos correntes para a imagem de corpo no pensamento, que definem o modo como lidamos com os corpos no real. O primeiro toma emprestado um critério biológico, para o qual há corpo onde há organismo humano. Corpo designa corpo humano. De cara percebe-se uma redução e uma tirania: corpo humano quer ser o modelo para corpo. O segundo uso também esposa a biologia, mas é menos reducionista, e admite como corpo tudo onde há organismo. Corpo designa organismo. Desde o teu corpo até um micróbio. Há um terceiro uso, mais extenso – e por isso mais afeito ao título de metáfora –, que encontra um corpo onde há uma solidez, uma consistência, algo que ocupe lugar, não apenas no tempo e no espaço – uma cadeira, uma sala, um prédio são corpos – como também nas sensações, nos pensamentos, nessas coisas que não conseguimos ver, apenas sentir ou imaginar. Diz-se de um livro em construção que o livro está ganhando corpo. Diz-se de um time bem treinado que o time ganhou corpo. Corpo então designa solidez,

consistência, concretude. Percebe-se que nos três usos foi preciso uma criação que definisse corpo. Nenhum dos casos encontrou a definição de corpo pronta. Nenhum dos casos tampouco a inventou do nada – fizeram com o auxílio de critérios. Criação não quer dizer ficção. Quer dizer um labor, um engenho, um processo de construção. E em todos os casos aqui apresentados por mim houve construção. Como explicar o privilégio de um – o primeiro ou o segundo sentido de corpo, encampado pela biologia – senão através de uma imposição que tenta se manter a cada vez que falamos ou pensamos em corpo – a cada vez que convivemos com corpos? Esse é um ponto muito importante, que o terceiro sentido, o sentido mais extenso, tenta quebrar, *mas que, ao mesmo tempo, aceitando-se como metáfora, reproduz* – ou seja, ele admite um sentido primeiro. Não há sentido primeiro, a respeito do qual se poderia dizer “literal”. Antes, cada uso, cada sentido tem a sua literalidade, e o problema da má compreensão de um poema simbólico nunca estará ligado a uma leitura demasiadamente literal para imagens e significâncias simbólicas; pelo contrário, para não sentir nada diante de um poema simbólico é preciso ter uma literalidade muito restrita, que só se exerce diante daquilo que é imposto como literal. Ler um texto, qualquer um, é se sintonizar à sua literalidade – quando dizer “minha voz é um corpo” é dizer algo absolutamente literal.

Voltemos ao conceito de corpo pleno. Os três usos não dizem nada além do uso corriqueiro. Admitir a literalidade do corpo da minha voz seria um começo, mas incipiente. Para que corpo ganhe a forma de um conceito, é preciso mais. É o que Deleuze-Guattari fazem. Corpo pleno em Deleuze-Guattari tem uma abrangência infinita. Já em *Lógica do sentido* Deleuze lhe dava uma abrangência infinita: há corpo por toda parte. O corpo da universidade, o corpo da minha voz, o corpo da tua frustração. Mas agora o critério para corpo não é nem concretude, nem solidez, embora os corpos em Deleuze sejam concretos. Em Deleuze, critério para corpo é causa, produção, ou funcionamento, que aqui poderemos tomar como sinônimos. Há corpo onde algo está causando ou sendo causado, onde algo está produzindo, ou funcionando. Tua frustração, você sabe melhor do que ninguém, tem força para causar muita coisa, para produzir muita coisa. Tua frustração, não interessa o que seja nem de onde venha, tua frustração funciona. Então falar em corpo é falar em algo real, algo real que causa ou produz, que funciona.

O que mais caracteriza o conceito de corpo? Um corpo imanta, magnetiza, funciona como imã. A universidade é um imã que atrai diariamente milhares de pessoas, de diferentes formações e diferentes objetivos. A banda de rock é um imã que arrasta multidões. Uma sala de aula, a minha voz. Se a minha voz é um corpo, é porque atrai para si atenção. Ela atrai orelhas, sensações e percepções. Um corpo, ao atrair, ao magnetizar, faz de seus objetos extensões de si. Uma universidade se alimenta de cada um que passa por ela, de cada ação. Você é uma extensão da minha voz, não à toa de alguma maneira, nem que seja por obrigação, você se liga a ela. Um corpo então atrai, magnetiza, e faz de seus objetos extensões de si. Corpo formado por corpos. Como um corpo não atrairia se ele causa, produz, funciona? E porque causa, porque produz, um corpo também impele, empurra. Um corpo atrai, um corpo empurra. A tua frustração te empurra a fazer coisas que você nem imagina, te faz encolher em teu canto, ou te faz querer vingança.

Tudo o que existe nessa dinâmica, corpo e suas extensões de si, existe de maneira plena. Por isso corpo *pleno*. É como o verso. Quando você lê um verso, tudo o que existe no momento em que o lê é o verso. O verso põe tudo o que há e se põe nesse “tudo” o que há. Tudo o que existe agora é a minha voz, o que ela coloca e o que ela abre – e os desdobramentos que ela provoca são desdobramentos dela. Um corpo é uma plenitude. Uma causa, seja qual for, existe sozinha e plena. Você está frustrado, e age de “x” maneira. Se, no momento da tua ação, existissem duas coisas, frustração e outra coisa, você não teria necessariamente agido de “x” maneira, poderia ter agido de “y” maneira. Um corpo então é uma plenitude. Existe sozinho e cria seus próprios desdobramentos.

Temos as bases do conceito de corpo pleno. 1) Há corpo pleno por toda parte – por isso nunca se perguntem se tal ou qual coisa é ou não um corpo pleno. 2) Um corpo pleno causa, produz, funciona. 3) Um corpo pleno atrai, magnetiza, e se faz funcionar naquilo que atrai. 4) Um corpo pleno empurra, compele, afasta e se prolonga naquilo que afasta. 5) Um corpo pleno é uma plenitude, existe sozinho e em seus desdobramentos.

Vou tentar tornar mais claro. Uma sala de aula. Numa sala há o corpo da minha voz; há o corpo da sala (para a qual os alunos convergiram, os alunos saíram de suas casas e foram atraídos para a sala); há o corpo da Universidade (não estamos numa sala qualquer, vocês não estão na sala da minha casa, vocês estão num local que investe a minha voz, sou eu de quem se espera algo a dizer, por que eu estou aqui falando e não você?); há o corpo

do regime social, no nosso caso, o corpo do Capitalismo. Por que um corpo social, o corpo do Capitalismo? 1) Universidades foram construídas em dado momento da história. 2) Uma Universidade não têm o mesmo funcionamento no pós-Idade Média e na pós-modernidade. Hoje uma Universidade se tornou quase um curso técnico profissionalizante, com o compromisso não admitido, mas cada vez mais forte, de formar profissionais que desempenhem funções no mercado. De modo que, numa sala de aula, enquanto eu falo, há o corpo da minha voz, da sala, da Universidade, e do Capitalismo. O que eu quero dizer com isso? Quero dizer que os corpos plenos possuem mais uma característica além das que enumerei. Eles existem em simultaneidade. Imagine agora *o pandemônio que é essa simultaneidade de quatro corpos que atraem tudo para si, que levam a agir como se não houvesse outra coisa no mundo, que fazem sentir, e que se perpetuam naquilo que eles atraem?* Há muita coisa em jogo numa sala de aula (na leitura de um texto). Há uma interação de corpos plenos. Se o que eu falo é chato, logo minha voz se enfraquece e outro corpo ocupa o seu lugar (você pensa na namorada enquanto me ouve). É um exemplo banal. Mas imagina por exemplo que o corpo da Universidade comece a ganhar direções nocivas ao corpo social em que ele vive. Imagina que uma Universidade comece a fomentar a insatisfação de quem nela frequenta, a insatisfação contra o regime social, começa a empurrar os estudantes para as ruas, para fazer reivindicações, o que por consequência é respondido pelo envio de policiamento às ruas, talvez violência, tentativas de repressão. Um regime social precisa estar muito bem amarrado para sufocar a atuação dos corpos que nele existem em simultaneidade. Daí talvez as Universidades se tornarem mais e mais escolas técnicas profissionalizantes. Outro exemplo. Para alguém deprimido, a simultaneidade de corpos plenos é uma benção. Você pode estar deprimido pela tua frustração. Mas, por mais que para você só exista a tua frustração, ela não é o único corpo em ação, existem muitos corpos capazes de te atrair, de te empurrar, te dar um solavanco e consequentemente te tirar do estado em que está. Se não fosse assim, uma depressão levaria necessariamente a um suicídio.

Nesse momento, você pode dizer: ok, podemos gozar no corpo pleno do amor, podemos sofrer no corpo pleno do capitalismo, no corpo pleno de uma voz tirânica, mas não há um corpo que não seja corpo *de alguma coisa*? A essa pergunta Deleuze-Guattari respondem: o corpo pleno sem órgãos. O corpo pleno sem órgãos é simultâneo a cada um



desses corpos que eu citei, a cada corpo. É nele que você se apóia quando se apóia sobre a minha voz, é ele que você alimenta quando você age na Universidade, é por ele que você age quando a frustração te faz agir. Porque se tudo é corpo pleno – corpo pleno da árvore, corpo pleno do sol... – também o corpo pleno tem o seu corpo pleno, chamado de corpo pleno sem órgãos. Cada corpo pleno se deixa acompanhar por outro corpo pleno: corpo pleno do corpo pleno, ou simplesmente Corpo sem órgãos. Por sua causa, cada ação encontra seu suporte e sua razão de ser em si própria. É o corpo sem órgãos que vai livrar do amor a sua faceta possessiva, tornando-o um grande amor. É ele que vai te fazer viver tuas frustrações sem o risco de afundar de uma vez por todas nelas. Ele é o limite no qual mais nenhum corpo – salvo ele próprio – é determinável. Autóctone cósmico, ele pertence a toda parte e faz de nós “homens de lugar nenhum e de qualquer lugar”. Diante do corpo sem órgãos, os corpos – o meu, o teu, o de vossos projetos, de vossas práticas – não deixam de existir, tampouco se deixam submeter. Continuando a existir como tais, os corpos se tornam os modos de existência de um corpo pleno simultâneo a eles – e a todos os corpos. O corpo sem órgãos não anula nem subordina os corpos, ele concrece com cada corpo, coexiste com cada um, está em cada ação, cada paixão, cada desejo, reenviando-os a si e tornando-os já reconfigurados sob a configuração em que se encontram. Questão de referência: uma relação entre três corpos (um homem e uma mulher num bar...), está já reconfigurada sobre o corpo sem órgãos no qual ela tem lugar. “Não é só uma conversa...” (mas o que quer que seja, vale por si). O corpo sem órgãos, limite dos corpos, não há como não ser encarnado, não há como não ser vivido, sofrido, agido, mesmo que haja um corpo se interpondo a ele. Mesmo que haja outro corpo ocupando seu lugar, ele ainda é o primeiro corpo do corpo que ocupa seu lugar. Ele está numa sala de aula quando uma sala de aula ocupa seu lugar como corpo pleno. Ele está num deus, quando um deus ocupa seu lugar como corpo pleno. Ele está na Pólis, num feudo, numa tribo, no mar, quando o mar ocupa o seu lugar. Ele é a concreção que acompanha a solidão de cada corpo tanto mais solitário quanto mais misturado. Ele é o fulgor da evidência; as pegadas ainda sob os nossos pés. Diante de um panorama qualquer – numa Universidade, numa formação social, num fato histórico, num relacionamento a dois, num texto –, há corpo?, então o corpo sem órgãos está lá, e ele é primeiro. E na medida em que é o primeiro, o corpo sem órgãos é também o último. “Os últimos serão os primeiros”. Último: aquele além do qual não há mais corpo, a

última parada, o limite que aguarda e acolhe os corpos indiscernidos, salvando-os do caos, dando-lhes autossustentação. O princípio e o fim de todos e de cada um em existência simultânea a todos e a cada um. O corpo sem órgãos é o suporte simultâneo. O Na alegria e na tristeza. O duplo de todo corpo, que já está lá quando e onde qualquer corpo tem lugar. Ele *repete* um corpo *antes* que esse corpo tenha lugar, e assim o acolhe de uma queda livre, e, acolhendo-o, reconfigura-o. O corpo sem órgãos é a imanência dos corpos. E são todas essas aberturas – a condição de um corpo não num órgão, não em células..., mas numa causa, produção ou funcionamento; cada causa, cada produção ou funcionamento valendo por si; os corpos em relação imediata entre si – são todas essas aberturas que o Capitalismo tentará vergar sob um asfixiante caixote orgânico e suas pequenas genitálias. Capitalismo, vergadura do corpo.

## Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.